



Revista Comunicação Midiática
ISSN: 2236-8000
v. 15, n. 2, p. 53-65, jul./dez. 2020

**Jiu-jitsu na mídia: análise do potencial ideológico de matérias da revista
Veja**

**Jiu-jitsu en los medios: análisis del potencial ideológico de artículos de la
revista Veja**

**Jiu-jitsu in the media: analysis of the ideological potential of articles pub-
lished in Veja magazine**

Felipe Tavares Paes Lopes

Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Graduação em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (2001), graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2004), mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2007) e doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade de São Paulo (2012). lopesftp@gmail.com

Murilo Aranha Guimarães Marcello

Doutorando e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (2017). Possui graduação em Administração pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Campinas (2013). Bolsista Prosuc integral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. murilomarcello@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo aborda o processo de construção discursiva da categoria “praticante de jiu-jitsu” por meio da interpretação de matérias publicadas na revista *Veja*, durante o período de 1990 a 2016. Ao abordar esse processo, busca responder ao seguinte problema de pesquisa: de que maneiras os discursos veiculados nessas matérias podem ser considerados ideológicos, estabelecendo e sustentando relações de dominação? Para tanto, apoia-se no conceito de ideologia desenvolvido por John B. Thompson e na sua proposta metodológica: a hermenêutica de profundidade. Entre outras coisas, conclui que as matérias examinadas estigmatizam, com frequência os praticantes de jiu-jitsu, construindo-os como pessoas más, perigosas e ameaçadoras, mantendo-os numa posição de inferioridade em relação ao restante da sociedade.

Palavras-chave: Comunicação; Ideologia; Jiu-jitsu; Hermenêutica de Profundidade.

RESUMEN

Esta investigación aborda el proceso de construcción discursiva de la categoría “practicante de jiu-jitsu” a través de la interpretación de artículos publicados en la revista *Veja*, durante el período de 1990 a 2016. Al abordar este proceso, buscamos responder al siguiente problema de investigación: ¿de qué manera los discursos transmitidos en estos artículos pueden ser considerados ideológicos, estableciendo y sustentando relaciones de dominación? Para tanto, nos apoyamos en el concepto de ideología desarrollado por John B. Thompson y en su propuesta metodológica: la hermenéutica de profundidad. Entre otras cosas, concluimos que los artículos examinados a menudo estigmatizan a los practicantes de jiu-jitsu, construyéndolos como personas malas, peligrosas y amenazantes, manteniéndolos en una posición inferior en relación al resto de la sociedad.

Palabras clave: Comunicación; Ideología; Jiu Jitsu; Hermenéutica de Profundidad.

ABSTRACT

This article discusses the process of discursive construction of the category "jiu-jitsu fighter" through the interpretation of articles published in *Veja* magazine, during the period from 1990 to 2016. In addressing this process, it seeks to answer the following research problem: in what ways the discourses conveyed in these articles can be considered ideological, establishing and sustaining relations of domination? To do so, it is based on the concept of ideology developed by John B. Thompson and its methodological proposal: the depth hermeneutics. Among other things, it concludes that the articles examined often stigmatize the jiu-jitsu fighters by constructing them as bad, dangerous and threatening people, holding them in a position of inferiority in relation to the rest of society.

Keywords: Communication; Ideology; Jiu Jitsu; Depth Hermeneutics.

Introdução

Este artigo insere-se no campo de estudos sobre Comunicação, Cultura e Esporte, focalizando o tratamento jornalístico dado a uma modalidade esportiva específica: o jiu-jitsu brasileiro. Este recorte justifica-se uma vez que o tema tem sido pouco trabalhado pela literatura científica disponível em língua portuguesa, ainda que já existam algumas produções importantes, tais como as desenvolvidas por Paleta (2006), Mueller (2015) e Teixeira (2007). Ainda que o referido campo tenha se diversificado bastante nos últimos anos, parte significativa de suas pesquisas ainda se debruça sobre o futebol. Ademais, conforme retomaremos, nossa opção teórica pelo conceito de ideologia faculta-nos discutir as conexões possíveis entre o tratamento jornalístico em questão e as relações de dominação que caracterizam o campo esportivo, em particular, e a nossa sociedade, em geral. Discussão particularmente relevante se tivermos em mente que o jiu-jitsu é, com frequência, discursivamente construído por meio de narrativas simplistas e maniqueístas, que expurgam seus praticantes.

Diante disso, neste artigo, buscamos apreender o processo de construção discursiva da categoria “praticante de jiu-jitsu” por meio da interpretação dos discursos veiculados pela revista *Veja* (1990-2016) sobre essa modalidade esportiva. Ao debruçarmo-nos sobre esses discursos, objetivamos responder o seguinte problema de pesquisa: de que maneiras podem ser considerados ideológicos, estabelecendo e sustentando relações de dominação? A fim de responder esse problema de pesquisa, apresentamos, primeiramente, o conceito de ideologia aqui utilizado, e como ele se relaciona com a mídia e com o esporte. Em seguida, descrevemos o caminho metodológico percorrido. Depois, contextualizamos os discursos veiculados pela revista *Veja*. Feito isso, analisamos suas características estruturais e relações. E, por fim, reinterpretamo-los à luz do seu contexto de produção, circulação e recepção.

Ideologia, mídia e esporte

O termo ideologia foi utilizado pela primeira vez no fim do século XVIII pelo filósofo francês Destutt de Tracy para descrever seu projeto de uma nova ciência, interessada na análise das ideias e sensações. Desde então, tem sido objeto de várias polêmicas e controvérsias, assumindo diferentes significados, muitas vezes antagônicos. John B. Thompson (2009) ao examinar esses significados, distingue dois tipos gerais de concepção: a neutra e a crítica. A primeira foi desenvolvida por pensadores como o próprio Destutt de Tracy, por Lenin, Lukács e Manheim (na sua formulação geral) e caracteriza os fenômenos ideológicos como um fenômeno qualquer, não sendo, necessariamente, mais problemáticos do que outros. Nas suas palavras: as concepções neutras “[...] não possuem, necessariamente, um sentido negativo, pejorativo, e não implicam, necessariamente, que ideologia é um fenômeno que deve ser combatido e, se possível, eliminado” (p. 73).

Por sua vez, a concepção crítica foi elaborada por pensadores como Napoleão, Marx e Manheim (na sua formulação restrita) e entende que o fenômeno caracterizado como ideológico é, necessariamente, negativo. Afinal, este seria abstrato, impraticável, errôneo, ilusório, expressaria os interesses da classe dominante e/ ou estaria a serviço da dominação. Por conseguinte, tratar-se-ia de um fenômeno a ser combatido. Esse tipo de concepção serviu de base para uma série de estudos sociais sobre o esporte no Brasil, principalmente nos primeiros anos. Tais estudos foram muito influenciados pelo marxismo-althusseriano e pela Escola de Frankfurt, que buscavam entender os sentidos e as relações do esporte no seio da sociedade de massas (Marques, 2011), considerando-o – especialmente o futebol – uma variável

do ópio do povo. Nas palavras de Lovisolo (2011, p. 12): “[...] os esportes eram compreendidos com base nas relações sociais de produção e poder, na dinâmica das classes sociais, com duas noções-chave profundamente relacionadas: alienação e controle dos trabalhadores”.

Ao longo dos anos, esse tipo de interpretação foi perdendo força para uma perspectiva marcada pela antropologia e pela história, que passou a enxergar o esporte como um espaço de formação de identidade e expressão cultural e também, como fonte de pertencimento, prazer, criação e imaginação (Lovisolo, 2011). Apesar dos avanços trazidos por essa perspectiva, consideramos fundamental resgatar as discussões sobre as relações (dinâmicas) entre esporte, dominação e ideologia¹ e realizar nossas análises no âmbito da teoria crítica da sociedade. No entanto, é preciso evitar alguns problemas das análises anteriores.

Em primeiro lugar, é preciso afastar-se da posição da tradição marxista que entendia que a ideologia era uma ilusão. Recordemos que, em “A ideologia alemã”, Marx e Engels (2007) empregam a famosa analogia com a câmara escura, para mostrar que a ideologia faz as pessoas e as circunstâncias aparecerem de cabeça para baixo, uma vez que ela permaneceria no plano imediato do aparecer social. Em outras palavras, na visão dos autores, devido à divisão, historicamente emergente entre trabalho material e trabalho mental, as ideias apareceriam, via ideologia, como autônomas e eficazes, e não como o resultado das formas como as pessoas se relacionam concretamente no modo de produção capitalista. Ainda que a ideologia possa operar iludindo, não é essencial que ela oculte ou mascare as relações sociais para manter a ordem social. Assim, é preciso colocar seu caráter enganador apenas como uma possibilidade contingente. Também é preciso cortar o elo entre ideologia e relações de dominação de classe, como tradicionalmente faz a referida tradição. Afinal, as relações de classe, conforme Thompson (2000), não são a única ou a principal forma de dominação e subordinação no mundo contemporâneo, mas apenas mais um eixo da exploração e desigualdade social.

Em segundo lugar, é preciso afastar-se da posição da Escola de Frankfurt que entendia que toda cultura de massa é ideológica, tendo como efeito integrar os indivíduos na ordem social capitalista que os explora. Afinal, essa posição sobrestima o poder integrador das mensagens da mídia, caindo no mito do “receptor passivo”. Ainda que devamos evitar o perigo do “fetichismo do público”, acreditando que ele pode ressignificar as mensagens da mídia ao seu bel prazer, temos de ter em mente que ele é ativo e potencialmente crítico. Ademais, a referida posição perde de vista que as produções da indústria cultural podem, em alguns momentos, veicular mensagens contestadoras, que façam o contraponto às visões hegemônicas de mundo e estejam a serviço da resistência e da luta contra a exploração e a opressão. A mídia, segundo Kellner (2001), é um espaço onde se travam batalhas pelo controle da sociedade. Da mesma forma, o espetáculo esportivo, onde há diversos exemplos de protestos de espectadores e atletas – tais como os protagonizados, nos Jogos Olímpicos de 1968, por Tommie Smith e John Carlos, que ergueram os punhos no pódio, envoltos em uma luva preta, em uma saudação ao Partido dos Panteras Negras².

A fim de evitar esses problemas, adotamos, neste trabalho, a concepção de ideologia desenvolvida por Thompson (2009) em “Ideologia e Cultura Moderna”, que entende que uma forma simbólica pode ser considerada ideológica quando, sob determinadas circunstâncias, estabelece e sustenta relações de dominação, entendendo por dominação relações de poder que são sistematicamente assimétricas. Com efeito, na sua proposta, nenhuma forma

simbólica é ideológica ou contestatória em si mesma, pois isso vai depender da maneira como é usada e entendida em contextos sociais específicos. Ademais, do ponto de vista do professor da Universidade de Cambridge, uma mesma forma simbólica pode ser ideológica, sob certos aspectos, e contestatória sob outros. Pode, por exemplo, criticar pontos de vista clasistas e, ao mesmo tempo, legitimar uma retórica sexista.

Metodologia da interpretação

A fim de permitir a análise concreta da ideologia, Thompson (2009) desenvolve uma proposta metodológica inspirada nos trabalhos de vários hermenutas (especialmente Dilthey, Heidegger, Gadamer e Ricoeur), que recordam que o estudo das formas simbólicas é um problema de interpretação, não podendo ser reduzido a análises estatísticas e objetivas. Esta proposta é por ele denominada de hermenêutica de profundidade (HP) e organiza-se em três etapas interdependentes.

A primeira etapa é a análise sócio histórica, que focaliza as condições sociais e históricas da produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Nesta análise, objetivamos reconstruir, ainda que muito brevemente, o percurso histórico do jiu-jitsu brasileiro. Para alcançar esse objetivo, realizamos uma revisão de literatura sobre esse assunto no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no SciELO e no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Também buscamos revistas A1, A2 e B1 (segundo o Qualis-CAPES) das áreas de Comunicação, Sociologia, Antropologia e Educação Física que não foram encontradas nessas bases dados. Para tanto, recorreremos ao motor de buscas *Google*. Nas bases de dados, cruzamos as seguintes palavras-chave: jiu-jitsu, família Gracie, cultura, comunicação, MMA e violência.

A segunda etapa é a análise formal ou discursiva, que focaliza a organização interna das formas simbólicas. Nesta análise, objetivamos apreender a construção das representações dos praticantes de jiu-jitsu em matérias publicadas na revista semanal *Veja*, no período de 1990 a 2016. Tomamos como ponto de partida o ano de 1990, pois foi na década de noventa, que o esporte se expandiu mundialmente, com a organização de novos campeonatos e com a fundação da Federação Internacional de Jiu-Jitsu Brasileiro (IBJJF), um marco para o esporte, que acabou com o amadorismo e expandiu o horizonte dos praticantes. Ademais, conforme retomaremos, foi quando o esporte começou a ser marginalizado.

Por sua vez, a escolha por trabalhar com a revista *Veja* deve-se ao fato de ela ser de abrangência nacional e a de maior circulação no país, abordando temas variados, tais como: política, cultura, economia, entretenimento e esporte. Idealizada por Roberto Civita e lançada em oito de setembro de 1968, em plena ditadura civil-militar, a revista pertence ao Grupo Abril e inspirou-se, principalmente, nos magazines americanos *Time-Life* e *Newsweek*. Em 2008, era considerada a quarta maior revista semanal do mundo (Corrêa, 2008) e, em 2016, possuía 1.054.997 leitores assinantes³ e vendia cerca de 66.847 exemplares avulsos⁴.

Para ter acesso às matérias de *Veja*, recorreremos ao acervo digital da revista, que contém todas as edições publicadas pela revista, inclusive as novas, que são colocadas à disposição do público cerca de uma semana após sua publicação. Neste acervo, cruzamos as seguintes palavras-chave: jiu-jitsu, família Gracie, Vale-tudo e MMA. A partir desse cruzamento, selecionamos todas as matérias (93 no total) publicadas no referido período que empregaram, ao menos uma vez, o termo jiu-jitsu. Feita essa seleção, traçamos um panorama geral dessas matérias. Para tanto, elaboramos um quadro, no programa *Word*, sistematizando as seguintes

informações sobre cada matéria: edição, data, página, caderno, seção, tipo de peça jornalística, título, descrição resumida e trechos mais relevantes.

Feito isso, focalizamos os títulos das matérias. Seleccionamos aqueles que se relacionavam diretamente com a prática do jiu-jitsu, descartando os demais. A título de esclarecimento: em alguns casos, a palavra jiu-jitsu aparecia no corpo do texto, mas o título não fazia qualquer referência a ela, pois não era o tema principal da matéria. Seleccionados os títulos, identificamos as formas de designação dos praticantes de jiu-jitsu, bem como as características e ações atribuídas a eles. Por fim, seleccionamos sete matérias que fossem representativas dos principais argumentos da Veja em relação ao jiu-jitsu e analisamos as estratégias discursivas empregadas no corpo do texto na construção da representação de seus praticantes.

A terceira e última etapa é a interpretação/reinterpretação, que “[...] implica um movimento de síntese, por uma construção criativa de possíveis significados” (Thompson, 2009, p. 375). Nesta análise, objetivamos verificar como que as estratégias discursivas empregadas na construção das representações dos praticantes de jiu-jitsu podem estar associadas aos modos gerais de operação da ideologia examinados por Thompson (2009), a saber: legitimação, dissimulação, fragmentação e reificação. Também buscamos saber como essas associações podem estabelecer e sustentar relações de dominação no contexto analisado na primeira etapa.

Uma vez esclarecidos os procedimentos metodológicos, sintetizamos a seguir os principais resultados da primeira fase da HP.

Emergência e popularização do jiu-jitsu no Brasil

O jiu-jitsu é uma arte marcial milenar cuja origem é objeto de controvérsias. A versão mais aceita é aquela que diz que foi essa arte criada por monges nas montanhas da Índia há 2500 anos (Gracie; Soto, 2009), para que pudessem se defender das invasões constantes de povos considerados “bárbaros”. Tal arte baseava-se num controle minucioso do corpo humano e utilizava o princípio da alavanca, que possibilitava lutadores mais frágeis vencerem a força de oponentes muito maiores. Em outras palavras, sua eficácia baseava-se numa estratégia que inter-relacionava conhecimento e poder (Diógenes, 2003).

No Brasil, o jiu-jitsu sofreu uma série de adaptações, passando a ser chamado de “jiu-jitsu brasileiro”. Este foi, inicialmente, desenvolvido pela família Gracie nas décadas de 1920 e 1930. Neste período, o esporte transformou-se em uma grande sensação entre os cariocas. Com a mudança dos Gracies para a cidade do Rio de Janeiro, Hélio passou a promover uma série de eventos em que desafiava lutadores de outras modalidades. Tais eventos logo se tornaram uns dos principais assuntos esportivos nos jornais cariocas, e os desafiadores receberam o *status* de celebridades. Ao longo dos anos, todavia, esses eventos passaram a ser vistos como demasiadamente violentos e selvagens pela imprensa, perdendo visibilidade.

Os combates de “vale-tudo” voltaram a ganhar destaque na mídia somente no início da década de 1990, quando a Rede Globo transmitiu o Grande Desafio, que colocou o jiu-jitsu e a luta-livre mais uma vez frente a frente (Alvarez, 2013). Tal desafio, todavia, foi visto como um festival de pancadarias – sem regras e regado a sangue –, sendo rejeitado por parte significativa dos telespectadores, o que fez com que as transmissões se encerrassem novamente (AWI, 2012). Neste momento, o jiu-jitsu começou a ser fortemente marginalizado.

Apesar de sua má fama e do encerramento das transmissões, o jiu-jitsu profissionalizou-se e expandiu-se pelo mundo. Um dos principais motivos para sua globalização foi a

criação, em 1993, do UFC (*Ultimate Fighting Championship*), idealizado por Rorion Gracie. Na verdade, o UFC era uma espécie de atualização dos desafios dos Gracies, ou seja, visava demonstrar a superioridade do jiu-jitsu sobre os demais estilos de luta. No entanto, guardava uma diferença fundamental em relação a eles: foi feito, sob medida, para a audiência televisiva norte-americana, adotando o sistema de *pay-per-view*, sistema ainda utilizado pelo evento até os dias atuais. Posteriormente, já em mãos de empresários americanos, o UFC deu lugar ao MMA (Artes Marciais Mistas). Contudo, diferentemente do que ocorria no UFC e nos antigos desafios de vale-tudo, os atletas de MMA misturam vários estilos de luta, a fim de melhorarem suas performances.

Hoje em dia, o jiu-jitsu passa por uma expansão midiática no exterior – principalmente na América do Norte, Europa e Oriente Médio – com transmissões de campeonatos em redes de canais abertos. Paradoxalmente, justamente no Brasil, país responsável por convertê-lo em um grande espetáculo de entretenimento, ele parece ter caído no esquecimento da mídia tradicional. Esta tende a abordá-la apenas quando se relaciona com algum caso de violência ou como um subproduto do MMA.

Panorama sobre o tema jiu-jitsu na Veja

Na pesquisa realizada no acervo digital da Veja, encontramos 93 peças jornalísticas que tratam, no período de 1990 a 2016, de forma direta ou indireta da prática do jiu-jitsu. Não encontramos, todavia, nenhuma capa dedicada a essa prática – o que indica que ela não ocupa o topo da hierarquia das preocupações jornalísticas da revista. Não à toa, das peças encontradas, 44 (46 %) apenas citam apenas de passagem o jiu-jitsu. Trata-se de matérias que possuem como tema central outros assuntos, como a vida de personalidades famosas, e que, por acaso, mencionam o esporte.

A primeira peça publicada que aborda o jiu-jitsu saiu na edição 44, em 1969. Nela, o esporte é mencionado de maneira bastante tímida, por meio da menção ao “Xerife” Luís Carlos, um respeitado ex-lutador. Na verdade, o esporte é abordado, de forma mais detalhada, apenas em 1997, em uma entrevista com Hélio Gracie, nas páginas amarelas da edição 1516. No ano seguinte, quando o esporte começa a aparecer nas páginas policiais dos principais jornais do país, devido às brigas promovidas por alguns praticantes, a Veja publica uma matéria completa, com seis páginas, na edição 1583, intitulada “*A cultura do Tapão*”. Nesta matéria, relata e marginaliza o cotidiano de jovens praticantes, conforme o extrato abaixo:

Deu para entender? Pit Bull é faixa roxa de jiu-jitsu, orgulha-se de ter surrado pelo menos quarenta pessoas e tem a orelha deformada. Isso acontece quando a cartilagem é fraturada e esfarelada pelo atrito da orelha com a lona do tatame, durante horas de treinamento, gravatas e chaves de perna. Conforme vai cicatrizando, sempre mais torta do que era antes, a orelha engorda e fica disforme (Pinheiro; França, 1999, p. 66).

A preocupação com a ação violenta de alguns praticantes e sua popularização entre os jovens levou a revista a aumentar o número de matérias sobre o esporte, que atingiu seu auge no ano de 2000, com 16 matérias, conforme o gráfico 1. Neste ano, contabilizamos 12 edições que mencionam o jiu-jitsu. Destas, em nove (edições 1637, 1640, 1639, 1653, 1659, 1661, 1671, 1670 e 1674) o esporte aparece nas páginas policiais; em 1 (edição 1654) numa carta de um leitor, que cita uma das matérias anteriores das páginas policiais; e em 2 (edições

1642 e 1665) em matérias relativas às questões da saúde e do lazer. Em outras palavras: há uma clara intensão de expurgar o esporte e seus praticantes no período.

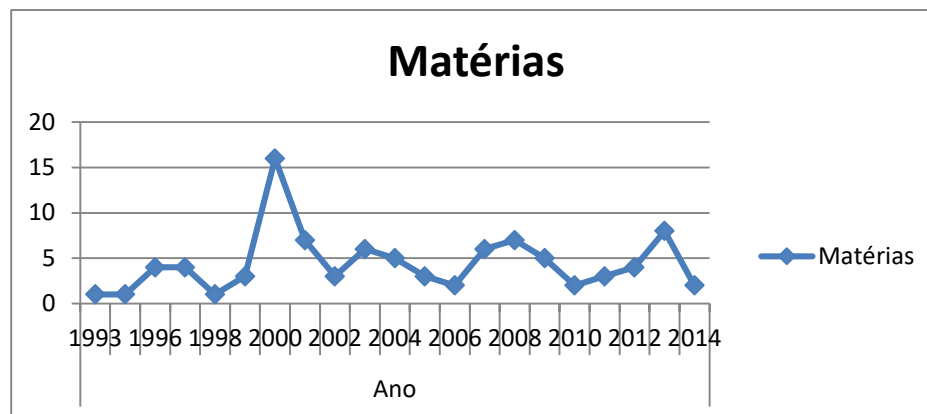


Gráfico 1 – Distribuição das matérias sobre jiu-jitsu na Veja por ano (de 1990 a 2016)⁵

O jiu-jitsu volta a ter destaque na revista no fim de 2007 e início de 2008, devido à morte do polêmico Ryan Gracie na prisão, após o lutador sofrer uma crise paranoica e se envolver em confusão nas ruas de São Paulo. Nesta, ele roubou um carro e tentou roubar uma moto, sendo contido por motoboys. O assunto repercutiu na “grande mídia” e foi comentado nas edições 2040 e 2044. Apesar de estar presente em várias edições desde 1969, o jiu-jitsu foi explorado de forma mais positiva pela primeira vez apenas na reportagem “*O fabuloso Gracie*”, na edição 2068, no ano de 2008, como ilustra o trecho a seguir:

Sua projeção extrapolava os ringues, para onde atraíam multidões. Chegava aos salões da sociedade, como fica patente no caso da surra em Rufino. Por suas academias passaram personalidades como o ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda, o fundador das Organizações Globo, Roberto Marinho, o playboy Jorginho Guinle e o ex-presidente da República João Baptista de Figueiredo. Em 1951, já eram tão famosos que uma luta de demonstração fez parte da programação de estreia da TV Tupi no Rio de Janeiro (Bortoloti, p.137, 2008).

Em algumas edições, o jiu-jitsu também aparece associado ao MMA. Em 2009, foram encontradas referências ao esporte na edição 2129, com o título “*Bons de Briga e Audiência*”, que aborda o crescimento do MMA na televisão. Outra matéria a respeito do MMA foi a intitulada “*Mamãe, eu quero MMA*”. Esta foi publicada na edição 2323, de 2013, e trata do interesse de crianças em praticar a modalidade. A última matéria em que o jiu-jitsu foi tema central foi a intitulada “*O fabuloso Gracie*”, de 2008. Já a última menção ao esporte foi em 2014, na matéria “*Esta, sim, é preparada*”. Nesta, uma repórter cita que treina jiu-jitsu para manter seu físico esguio.

Construção discursiva da categoria “praticante de jiu-jitsu” e seu potencial ideológico

Uma vez apresentado o panorama sobre o jiu-jitsu na Veja, cabe, agora, aprofundarmo-nos nos modos através dos quais a revista construiu a categoria “praticante de jiu-jitsu” e analisar seu potencial ideológico. Começamos pela compreensão da própria noção de categoria. Grosso modo, categorias são conceitos abstratos, que nos permitem expressar juízos, pensamentos, avaliações etc. Organizamos e damos sentido ao mundo ao nosso redor por meio desses conceitos. Classificamos e somos classificados segundo uma ou outra classe de categorias expressa por meio de nomes (Rojo, 2005).

Sendo assim, grupos podem ser classificados por ajudar a derrubar um chefe de Estado como “golpistas” ou, inversamente, como os “heróis da nação”. A categoria utilizada dependerá, neste caso, do ideário político daquele que classifica, bem como de seu apoio (ou não) ao referido chefe. No entanto, longe de apenas descrever certo estado de coisas, as categorias contribuem efetivamente para a estruturação do mundo no qual circulam, contribuindo para minar ou manter uma ordem social. A categoria “heróis da nação”, por exemplo, contribui para legitimar a deposição do chefe de Estado, fazendo crer que ela é justa e digna de apoio.

Com efeito, quando analisamos as formas de designação da figura do praticante de jiu-jitsu nas matérias selecionadas, podemos observar que delas emana uma linha de demarcação que separa um “nós” (não praticantes) – civilizados, pacíficos, ordeiros –, e um “eles” (praticantes) – bárbaros, perigosos, marginalizados. Essas ideias são expressas nos seguintes termos utilizados por Veja: “valentões”, “feras”, “delinquentes”, “demônios”, “baderneiros”, “brigões”, “gângues” e “bandos”. Também são expressas numa das formas de designar os combates: “rinha de galos humana”

A associação entre o jiu-jitsu e seus praticantes às referidas ideias também pode ser identificada nos seguintes trechos: “Homens fortões e de sunga que gostam de atracar-se num ringue”; “Pode não haver tanto sangue como antigamente, mas sopapos fortes há em profusão: o número de lesões sofridas pelos atletas é quase duas vezes o do boxe”; “A família Gracie, que trouxe o jiu-jitsu para o Brasil e transformou a luta num fenômeno internacional, é conhecida também por muitas brigas fora do ringue, nas ruas do Rio de Janeiro”; “Os Gracies adoram uma briga”; “Torneio de Vale-Tudo, invenção dos Gracie: pouca regra muito sangue”.

Em algumas matérias, o discurso da Veja aproxima-se das teorias do século XIX de Cesare Lombroso sobre o crime. Para o psiquiatra e antropólogo italiano, os criminosos são vítimas de influências atávicas. Com efeito, alguns traços físicos e mentais explicariam sua motivação para o crime. Na matéria “*O brigão do tatame*”, por exemplo, a Veja apresenta o perfil dos lutadores-brigões a partir de dados do Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro. Tais lutadores teriam por volta de 20 anos, 1,80 metros de altura, cabelos raspados, orelhas deformadas e renda familiar de R\$ 3.000,00. Ademais, seriam estudantes, teriam o 2º grau completo, morariam na casa dos pais e treinariam 2 horas por dia. Ainda que a maior parte desses dados não diga respeito às características biológicas dos referidos lutadores, a revista mantém aqui a associação entre prática criminosa e determinados signos, como faz Lombroso. Em última instância, tais signos acabam operando como estigmas, que passam a desacreditar seu portador (Goffman, 1988).

De todos os signos estigmatizantes, o que aparece mais recorrentemente nas páginas da *Veja* é o da orelha “couve-flor⁶”. Tal como a cabeça raspada indicava que a pessoa era uma colaboracionista no contexto da Segunda Guerra Mundial, essa orelha indicaria, hoje em dia, que a pessoa é encrenqueira. Um perigo iminente para a sociedade. O trecho abaixo, retirado da matéria “*A cultura do Tapão*”, é bastante sugestivo:

Atenção! Se você encontrar alguém que possua uma orelha minimamente parecida com essa aí da fotografia à esquerda, cuidado. Ao cruzar com o portador de uma orelha dessas, recomenda-se evitar um esbarrão. Olhar para a namorada dele, nem em sonho. A turma da orelha é formada por praticantes de jiu-jitsu que, muitas vezes, não se satisfazem em treinar a arte marcial no tatame da academia. Eles saem às ruas à procura de uma vítima (Pinheiro; França, 1999, p. 66).

O estigma lançado sobre a figura dos praticantes de jiu-jitsu é reforçado, em algumas matérias, por meio do uso, direto ou indireto, de suas próprias vozes. Nelas, apresentam-se ou mencionam-se declarações que, em última instância, servem para desacreditá-los. Os exemplos são ilustrativos: “Depois que eu jogo no chão, é show. Boto o joelho no peito e dou um monte de soco na cara. O objetivo não é machucar, é brigar”. “De acordo com os próprios lutadores de jiu-jitsu que gostam de uma briga de rua, a confusão pode começar a qualquer momento”. “Orgulha-se de ter surrado pelo menos quarenta pessoas e tem a orelha deformada”. “O motivo para tanta violência? Nada que faça muito sentido, aparentemente. De acordo com os próprios lutadores de jiu-jitsu que gostam de uma briga de rua, a confusão pode começar a qualquer momento”.

Notemos que, neste último trecho, a ideia de irracionalidade é claramente evocada: “nada que faça muito sentido”. Além de desumanizar os praticantes de jiu-jitsu – uma vez que retira deles uma qualidade vista como essencial aos seres-humanos desde Aristóteles (“o homem é um animal racional”, dizia o filósofo) –, essa ideia contribui para ocultar a lógica por detrás da violência praticada por esses praticantes – que envolve, entre outros aspectos, a busca por excitação e a busca por distinção dentro de um contexto fortemente marcado por um ideal de “masculinidade agressiva” (Diógenes, 2003). Lógica capaz de explicar os confrontos entre eles e, conseqüentemente, de apontar para soluções eficazes. Ademais, a referida ideia ajuda a dramatizar tais confrontos, uma vez que faz crer que podem eclodir a qualquer momento. A violência, no discurso da *Veja*, é construída como um fenômeno imprevisível – o que tende a atemorizar o leitor.

Ao estigmatizar os praticantes de jiu-jitsu, a *Veja* não apenas os aparta do restante da sociedade – retratando-os como maus, perigosos e ameaçadores, como já foi observado –, mas, também, os interliga numa identidade coletiva deteriorada, independentemente das divisões e diferenças que possam separá-los (Thompson, 2009). Há, pois, neste caso, uma sobreposição de duas estratégias discursivas: a da unificação e a da fragmentação. Estas estratégias dão forma ao processo de estigmatização dos praticantes de jiu-jitsu – que, em última instância, contribui para mantê-los numa posição de inferioridade na hierarquia de prestígio da sociedade (Lopes, 2019). Eles são os “imperfeitos” e, como tais, devem ser expurgados. Mais ainda, mantidos sob vigilância constante, na medida em que representam, além de uma “imperfeição”, um “perigo”. Nas palavras de Goffman (1988, p. 80): “a função óbvia da má

reputação é a do controle social.” Com efeito, ao contribuir para o controle social dos praticantes de jiu-jitsu, consolidando, no imaginário social, uma identidade coletiva deteriorada, argumentamos que o referido processo pode ser considerado uma produção ideológica.

Por último, cabe observar que essa identidade é ainda sustentada pelo não dito. Pelo silêncio. Mais exatamente, pela (quase) ausência de matérias positivas em relação ao jiu-jitsu, que pudessem iluminar os outros papéis sociais desempenhados pelos seus praticantes para além daqueles associados a comportamentos tidos como desviantes. Nesse sentido, podemos dizer que a ideologia opera, no contexto sob análise, também por meio da dissimulação. Afinal, os aspectos potencialmente positivos do jiu-jitsu são sistematicamente ocultados, apagados ou negados nas páginas da revista *Veja*.

Considerações finais

Este artigo abordou o processo de construção discursiva da categoria “praticante de jiu-jitsu” por meio da interpretação do potencial ideológico de matérias publicadas na revista *Veja* e, entre outras coisas, concluiu que essas matérias estigmatizam, com relativa frequência, esse agente, construindo-o como uma pessoa má, perigosa e ameaçadora – o que tende a minar seu *status* social e legitimar mecanismos de controle sobre ele. Para uma análise mais completa das relações entre ideologia, jiu-jitsu e mídia, é preciso, no entanto, o desenvolvimento de novos trabalhos, que se debrucem sobre o público. Mais exatamente, que analisem como os discursos midiáticos sobre a referida modalidade de luta são ressignificados e apropriados em contextos sociais concretos. Será, por exemplo, que o processo de estigmatização dos praticantes de jiu-jitsu é assimilado e aceito por todas as audiências ou será que existem leituras alternativas, que o contestem? Também seria interessante verificar se, e se sim, em que medida e como ele é refratado pela mídia especializada. Afinal, os meios de comunicação são, conforme Kellner (2011), um espaço de disputa e lutas.

Recebido em: 04/09/2020

Aceito em: 12/12/2020

¹ Embora seja importante salientar aqui que elas nunca deixaram propriamente de existir, apenas se retraíram.

² Esporte e mídia, diga-se de passagem, não são apenas fenômenos paralelos, mas construíram-se mutuamente. Afinal, como nos recorda Gastaldo (2011), a característica espetacular das competições esportivas e sua (enorme) capacidade de mobilização das massas articula-se perfeitamente com o surgimento dos jornais impressos.

³ Disponível em <<http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao>>. Acesso em: 23 de mar. de 2017.

⁴ Disponível em <<http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao>>. Acesso em: 23 de mar. de 2017.

⁵ O gráfico menciona até o ano de 2014, pois dentro do período (1990-2016), esse foi o último ano em que a revista publicou uma matéria sobre a temática.

⁶ Designação nativa dada à deformação auricular característica de praticantes de algumas modalidades de lutas. Deformação causada pelas contusões decorrentes do intenso contato físico entre eles, que fazem que, com frequência, tenham a cabeça esfolada no tatame.

Referências

BORTOLOTTI, Marcelo. O fabuloso Gracie *Veja* ed. 2068, p.136-137, jul.2008.

CORRÊA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

COURA, Kalleo. Bons de briga e audiência, **Veja** ed. 2129, p.120-124, set.2009.

DIÓGENES, Glória. **Itinerários de corpos juvenis: o tatame, o jogo, o baile**. São Paulo: Annablume, 2003.

FERNANDES, Manoel. Gracie x Gracie. **Veja**, ed. 1602, p. 123, 1999.

GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**. vol. 08, n. 21, 2011, p. 39-52.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GRACIE, Hélio; SOTO, Thomas de. **Gracie Jiu-Jitsu**. São Paulo: Saraiva, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. Curitiba: CRV, 2019.

LOVISOLO, Hugo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

MAMÃE, quero MMA. **Veja**, ed. 2323, p. 104, mai.2013.

MARQUES, José Carlos. “A criança difícil do século” – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, Mídia e Consumo**. vol. 08, n. 21, 2011, p. 93-114.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
MULLER, Betânia. **Tem que ter raça, uma etnografia com jovens lutadores no Morro da Boa Vista**. Dissertação. Mestrado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

O “DEMÔNIO Gracie”. **Veja**, ed. 1637, p.121, fev.2000.

PALETO, André Luiz. **Agressividade do lutador de jiu-jitsu: perspectiva da imagem social influenciada pela mídia**. Dissertação. Mestrado em Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006. Disponível em <<http://catalogoteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

PINHEIRO, Daniela; FRANÇA, Ronaldo. A cultura do tapão. **Veja**, ed. 1583, p. 66-71, fev.1999.

ROJO, Luisa Martí. A frontera interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre o “racismo”. In: IÑIGUEZ, Lupcínio (Coord.), **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais** Petrópolis: Editora Vozes, p. 206-257.

TEIXEIRA, Antônio Claudio Engelke Menezes. **Esporte e violência no jiu-jitsu: o caso dos “pitboys”**. Dissertação. Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em 10 jan. 2017.

_____. Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jitsu. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VEJA essa. **Veja**, ed. 1637, p. 121, fev.2000.